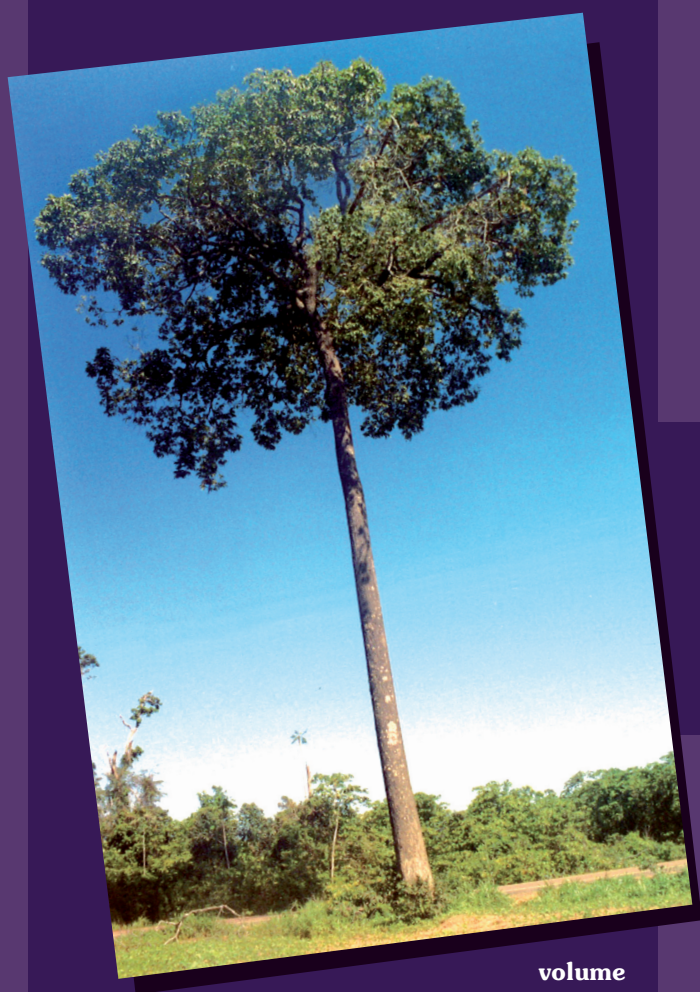


Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Amarelão

Buchenavia tetraphylla

volume

5

Amarelão

Buchenavia tetraphylla

Foto: Paulo Ernani Ramalho Carvalho



Caucaia, CE

Foto: Paulo Ernani Ramalho Carvalho



Foto: Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Amarelão

Buchenavia tetraphylla

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o sistema de classificação baseado no *The Angiosperm Phylogeny Group* (APG) III (2009), a posição taxonômica de *Buchenavia tetraphylla* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Angiospermae

Clado: Rosídeas

Ordem: Myrtales

Família: Combretaceae

Subfamília: Combretoideae

Gênero: *Buchenavia*

Binômio específico: *Buchenavia tetraphylla* (Aubl.) R. A. Howard

Primeira publicação: J. Arnold Arbor. 64 (2): 266. 1983.

Sinonímia botânica: *Buchenavia capitata* (Vahl.) Eichler.

Nomes vulgares por Unidades da

Federação: em Alagoas, mirindiba; no Ceará, amarelão, embiridiba e mirindiba; na Paraíba, berindiba, embiridiba, embirindiba, imbirindiba e merindiba; em Pernambuco, esparrada, imbirindiba e mirindiba; no Piauí, amarelão, caicaro e mirindiba, no Rio Grande do Norte, mirindiba.

Nomes vulgares no exterior: em Porto Rico, *granadillo*.

Etimologia: o nome genérico *Buchenavia* é uma homenagem a Franz Buchenau (EXELL; REITZ, 1967); o epíteto específico *tetraphylla* é de origem desconhecida.

Descrição Botânica

Forma biológica e foliação: *Buchenavia tetraphylla* é uma espécie arbórea, de padrão foliar sempre-verde ou perenifólio.

As árvores maiores de amarelão atingem dimensões próximas a 28 m de altura e 70 cm

de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo), na idade adulta.

Tronco: o amarelão apresenta tronco levemente tortuoso. Normalmente, o fuste é curto, atingindo no máximo 10 m de comprimento.

Ramificação: é dicotômica. A copa é frondosa. Os ramos são acinzentados, cilíndricos, glabros e estriados.

Casca: mede até 10 mm de espessura. A casca externa (ritidoma) é levemente fissurada.

Folhas: são espiraladas ou rosuladas, concentradas no ápice dos ramos, pecioladas; o pecíolo mede de 4 mm a 5 mm de comprimento, sem glândulas na base. A lâmina foliar mede de 3 cm a 4,5 cm de comprimento por 1,4 cm a 2,2 cm de largura, é obovada, oblonga a oblanceolada; a base é cuneado-atenuada, ápice arredondado, emarginado ou truncado, mucronulado; são glabras, coriáceas, brilhantes, com nervuras proeminentes em ambas as faces.

Inflorescências: ocorrem em capítulos densifloros, axilares ou terminais, medindo de 0,8 cm a 1,2 cm de comprimento; o pedúnculo chega a medir de 1,4 cm a 2,1 cm de comprimento.

Flores: são monóclinas, de coloração esverdeada, medindo de 0,2 cm a 0,3 cm de comprimento.

Fruto: é do tipo drupoide, medindo de 1,6 cm a 1,8 cm de comprimento por 0,7 cm a 0,9 cm de largura; é oval-elíptico e pontiagudo no ápice, glabro, levemente costado e geralmente enegrecido, quando maduro.

Semente: é pequena e levemente achatada.

Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

Sistema sexual: *Buchenavia tetraphylla* é uma espécie hermafrodita.

Vetor de polinização: os vetores de polinização são essencialmente abelhas e diversos insetos pequenos.

Floração: em dezembro, na Paraíba (LOIOLA et al., 2009).

Frutificação: frutos maduros ocorrem de março a abril, no Piauí (JENRICH, 1989).

Dispersão de frutos e sementes: ocorre essencialmente por zoocoria (por animais).

Ocorrência Natural

Latitudes: de 3°S, no Ceará, a 21°S, no Espírito Santo.

Variação altitudinal: de 10 m, no Ceará, a 1.220 m, na Bahia.

Distribuição geográfica: *Buchenavia tetraphylla* ocorre em Cuba.

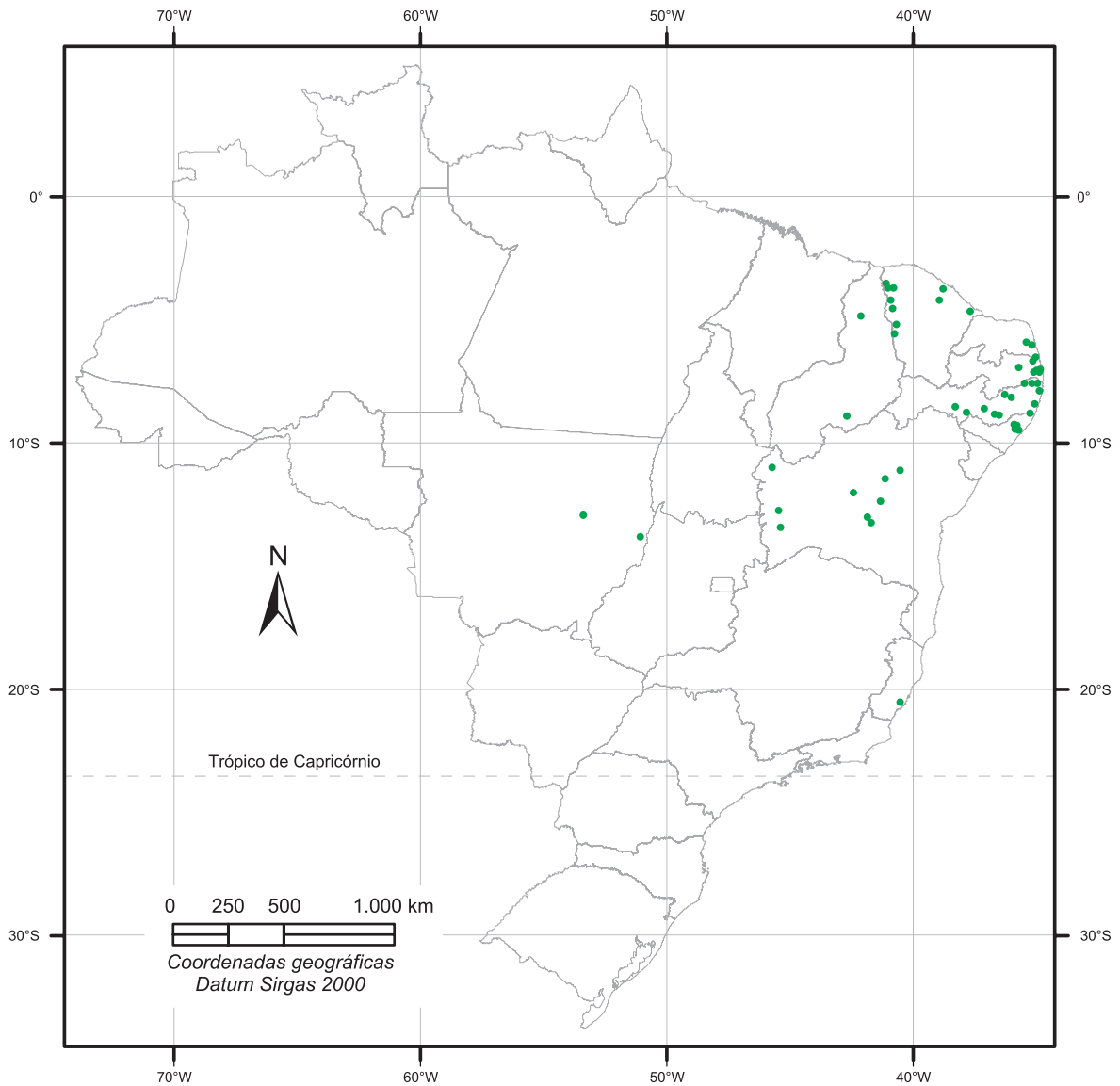
No Brasil, *B. tetraphylla* ocorre nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 8):

- Alagoas (AUTO, 1998).
- Bahia (MENDONÇA et al., 2000; ZAPPI et al., 2003; COUTO et al., 2011).
- Ceará (FERNANDES; GOMES, 1977; DUCKE, 1979; FERNANDES, 1990; ARAÚJO et al., 1998; CAVALCANTE, 2001; LIMA et al., 2009; ARAÚJO et al., 2011; CASTRO et al., 2012).
- Espírito Santo (ASSIS et al., 2004a).
- Mato Grosso (MARIMON; LIMA, 2001; IVANAUSKAS et al., 2004).
- Paraíba (ANDRADE-LIMA; ROCHA, 1971; OLIVEIRA-FILHO; CARVALHO, 1993; LOIOLA et al., 2009).
- Pernambuco (ANDRADE-LIMA, 1970; ANDRADE-LIMA, 1979; LYRA, 1984; PEREIRA et al., 1993; RODAL; NASCIMENTO, 2002; FERRAZ; RODAL, 2006; GOMES et al., 2006; RODAL; SALES, 2007; ALMEIDA JUNIOR et al., 2009).
- Piauí (EMPERAIRE, 1984; JENRICH, 1989; FARIAS; CASTRO, 2004).
- Rio Grande do Norte (OLIVEIRA et al., 2001; CESTARO; SOARES, 2004).
- Estado do Rio de Janeiro.
- Sergipe (FONSECA, 1979).

Aspectos Ecológicos

Grupo sucessional: *Buchenavia tetraphylla* é uma espécie pioneira (CAVALCANTE, 2001).

Importância sociológica: o amarelão é muito comum na planície litorânea, principalmente, no Nordeste brasileiro.



Mapa 8. Locais identificados de ocorrência natural de amareirão (*Buchenavia tetraphylla*), no Brasil.

Biomass (IBGE, 2004a) / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004b) e Outras Formações Vegetacionais

Bioma Amazônia

- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Amazônica), na formação Submontana, em Mato Grosso, com frequência de até dois indivíduos por hectare (IVANAUSKAS et al., 2004).

Bioma Mata Atlântica

- Floresta Estacional Decidual (Floresta Tropical Caducifólia), nas formações de Terras Baixas, no Rio Grande do Norte

(CESTARO; SOARES, 2004) e Montana, no Ceará (LIMA et al., 2009).

- Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Tropical Subcaducifólia), na formação Submontana, na Chapada Diamantina, BA (COUTO et al., 2011).
- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Atlântica), nas formações de Terras Baixas, em Alagoas, no Ceará, na Paraíba (ANDRADE-LIMA; ROCHA, 1971), e no Rio Grande do Norte, com frequência de até oito indivíduos por hectare (OLIVEIRA et al., 2001), e Montana, no Ceará (CAVALCANTE, 2001), e em Pernambuco (RODAL; SALES, 2007), com frequência de um indivíduo por hectare (FERRAZ; RODAL, 2006).

Bioma Cerrado

- Savana Florestada ou Cerradão, na Bahia (MENDONÇA et al., 2000).

Bioma Caatinga

- Vegetação arbustiva subcaducifólia, em Pernambuco (GOMES et al., 2006).
- Floresta Estacional Decidual, na formação Montana, no Ceará (ARAÚJO et al., 2011).

Bioma Pantanal

- Pantanal, rios Mortes-Araguaia, em Cocalinho, MT (MARIMON; LIMA, 2001).

Outras Formações Vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário (Mata Ciliar)
- Brejos de altitude nordestinos ou disjunções da Floresta Ombrófila Aberta (VELOSO et al., 1991), na Paraíba (BARBOSA et al., 2004; LOIOLA et al., 2009) e em Pernambuco (LYRA, 1984; PEREIRA et al., 1993; RODAL; NASCIMENTO, 2002).
- Campo Rupestre, na Bahia.
- Carrasco, no Ceará (ARAÚJO et al., 1998).
- Complexo de Campo Maior, PI (FARIAS; CASTRO, 2004).
- Ecótono Savana / Restinga, na Paraíba (OLIVEIRA-FILHO; CARVALHO, 1993).
- Vegetação com influência marinha (Restinga), no Espírito Santo (ASSIS et al., 2004b), na Paraíba (OLIVEIRA-FILHO; CARVALHO, 1993) e em Pernambuco (ALMEIDA JUNIOR et al., 2009).

Clima

Precipitação pluvial média anual: de 600 mm, em Pernambuco, a 2.200 mm, em Alagoas e em Pernambuco.

Regime de precipitações: as chuvas são periódicas.

Deficiência hídrica: moderada, na Bahia. Forte, no Ceará.

Temperatura média anual: 19,7 °C (Morro do Chapéu, BA) a 26,5 °C (Floresta, PE).

Temperatura média do mês mais frio: 17,2 °C (Morro do Chapéu, BA) a 24,1 °C (Floresta, PE).

Temperatura média do mês mais quente: 21,2 °C (Guaramiranga, CE / Morro do Chapéu, BA) a 29 °C (Crateús, CE).

Temperatura mínima absoluta: 7,2 °C. Essa temperatura foi observada em Morro do Chapéu, BA (BRASIL, 1992).

Geadas: são ausentes.

Classificação Climática de Köppen: **Am** (tropical úmido ou subúmido), na Serra de Guaramiranga, CE, e na Paraíba. **As** (tropical, com verão seco), em Alagoas, na Paraíba, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte. **Aw** (tropical, com inverno seco, subtipo Savana), na Bahia, no Ceará, no Espírito Santo, em Mato Grosso, na Paraíba e no Piauí. **Bsh** (semiárido quente), em Pernambuco e no sudeste do Piauí. **Cwa** (subtropical, com inverno seco e verão quente), em Campo Maior, PI. **Cwb** (subtropical de altitude, com inverno seco e verão ameno), na Chapada Diamantina, BA.

Transição entre os tipos climáticos **As' / BSh'**, no Rio Grande do Norte (CESTARO; SOARES, 2004).

Solos

No Carrasco, em Novo Oriente, CE, *B. tetraphylla* ocorre em Areias Quartzosas (ARAÚJO et al., 1998).

Tecnologia de Sementes

Colheita e beneficiamento: os frutos devem ser colhidos diretamente da árvore, quando iniciarem a queda ou recolhidos do chão, logo após a queda. Em seguida, devem ser amontoados em saco plástico, até iniciar o apodrecimento da polpa para facilitar a liberação da semente, por meio de lavagem em água corrente.

Número de sementes por quilograma: 375 sementes por quilo (LORENZI, 1998).

Tratamento pré-germinativo: não há necessidade.

Longevidade e armazenamento: as sementes do amarelão são de comportamento fisiológico

recalcitrante, com relação ao armazenamento, cuja viabilidade geralmente é curta.

Produção de Mudanças

Semeadura: as sementes devem ser colocadas em canteiros semissombreados. Em seguida, devem ser cobertas com uma camada de substrato peneirado, de 1 cm de espessura.

Quando as mudas atingirem de 4 cm a 5 cm, devem ser transplantadas para recipientes individuais.

Germinação: é epigea e as plântulas são fanerocotiledonares. A emergência ocorre entre 15 e 20 dias após a semeadura, e a taxa de germinação geralmente é alta.

As mudas atingem cerca de 20 cm de altura entre 5 e 6 meses após a semeadura.

Características Silviculturais

Hábito: apresenta crescimento monopodial, mas com presença de galhos grossos, que necessitam de desrama artificial.

Sistemas de plantio: recomenda-se plantio misto.

Crescimento e Produção

Existem poucos dados sobre o crescimento do amarelão em plantios. Contudo, seu crescimento é lento.

Características da Madeira

Massa específica aparente (densidade aparente): é moderadamente densa.

Massa específica básica (densidade básica): 0,70 g cm⁻³ a 0,89 g cm⁻³ (ARAÚJO, 2007; PAULA; ALVES, 2007).

Cor: tanto o cerne quanto o albúrnio são pouco diferenciados, apresentando coloração marrom-clara.

Características gerais: a madeira dessa espécie apresenta textura média; grã inclinada; sob condições naturais, tem boa resistência mecânica; é moderadamente durável.

Outras características: as propriedades físicas e mecânicas da madeira dessa espécie podem ser encontradas em Araújo (2007).

Produtos e Utilizações

Alimentação animal: animais silvestres e pequenos ruminantes ingerem os frutos. Em época de amamentação, o alto consumo de frutos, por cabras, pode causar diarreia nos cabritos (JENRICH, 1989).

Apícola: é espécie de grande potencial apícola, produzindo néctar e pólen.

Celulose e papel: esta espécie é inadequada para esse uso.

Energia: produz lenha de boa qualidade.

Madeira serrada e roliça: a madeira do amarelão é usada em construção civil (caibros, tábuas e vigas); e em uso externo (mourões, estacas e varas para porteira).

Paisagístico: a árvore é dotada de copa com aspecto ornamental, com potencial para uso em arborização paisagística.

Plantios com finalidade ambiental: esta espécie é recomendada para recuperar áreas degradadas e para restaurar ambientes fluviais e ripários (Mata Ciliar).

Espécies Afins

O gênero *Buchenavia* Eichler foi estabelecido em 1866. Atualmente, compreende cerca de 27 espécies, das quais 25 ocorrem no Brasil.

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui